



## **Dossiê Cineclube Cinelatino: experiências e reflexões cineclubistas de antes, durante e depois da pandemia da Covid-19**

Este dossiê é produto da parceria entre o projeto de extensão *Cineclube Cinelatino: Imagens da América Latina a Serem Decifradas*, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) – destinado a difundir produções audiovisuais de países da América Latina – com a revista acadêmica *Zanzalá*, dedicada aos estudos de gêneros e vinculada ao “Grupo de Estudos sobre Gêneros Cinematográficos e Audiovisuais” (Genecine), sediado no Departamento de Cinema do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O *Cineclube Cinelatino* está ativo desde 2012 e busca fomentar a integração latino-americana por meio do cinema. Um dos objetivos centrais é estimular pessoas que não pertencem ao meio universitário a ter o hábito de frequentar exibições audiovisuais fora do escopo do cinema hegemônico. Promovendo sessões dedicadas às cinematografias latino-americanas, sempre seguidas de debates, o *Cineclube Cinelatino* convida o público a conhecer algumas das principais questões que envolvem essa região por meio da compreensão das especificidades da linguagem cinematográfica produzida pela e na América Latina.

O projeto, que procura fortalecer os vínculos entre a universidade e a sociedade, faz parte de um conjunto de cineclubes vinculados às universidades públicas. Esses cineclubes contribuem para a democratização do audiovisual a partir da distribuição, exibição e crítica. Tais iniciativas se tornaram ainda mais importantes com as mudanças dos modelos de produção e distribuição levadas a cabo nos anos 1990 e 2000, que geraram grande concentração do mercado regional.

Além disso, o *Cineclube Cinelatino* contribui para introduzir os(as) estudantes bolsistas e

---

voluntários(as) em atividades relacionadas à organização e gestão. Os(as) discentes atuam desde o processo de curadoria da programação até as formas de comunicação, divulgação e captação audiovisual das sessões e debates. São responsáveis também pela realização de registros das atividades, bem como pelo trabalho de escrita sobre cinema em diversos formatos textuais, tais como sinopses, *releases*, ensaios e artigos.

Vale ressaltar que este dossiê é a terceira publicação do *Cineclube Cinelatino*, uma vez que nas práticas de selecionar, exibir e debater filmes, o projeto procura dar ênfase ao tripé universitário por meio da articulação entre extensão, ensino e pesquisa. Assim, em 2020 foi publicado o livro *Cinelatino: imagens da América Latina a serem decifradas*<sup>1</sup>, pela Editora da Unila (Edunila). A publicação, composta por 14 artigos, foi resultado das sessões e debates realizados entre 2012 e 2017, e foi organizada em quatro sessões temáticas: “Violência e Direitos Humanos”, “Arquitetura e Cidade”, “Gênero, Poder e Identidade” e “Cotidiano, Política e Sobrevivência”.

Também em 2020 publicou-se o “Dossiê Cinelatino”<sup>2</sup> na Revista *Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia*. Esse dossiê, fruto do trabalho desenvolvido no biênio 2018-2019, foi organizado em duas seções: a primeira composta por 3 ensaios e a segunda por 13 artigos.

O presente dossiê está composto por seis artigos elaborados a partir de convite feito pela coordenação do projeto a autores(as) que foram debatedores(as) em sessões durante os anos de 2020 a 2022. A proposta apresentada foi a de aprofundar os debates iniciados naquelas ocasiões, construindo reflexões possíveis de atingir não só outros públicos, mas novos lugares do pensamento acadêmico sobre os filmes exibidos. Mas antes de apresentar os artigos que compõem o dossiê, é necessário falar sobre o período no qual se deram as sessões e debates que geraram os textos aqui publicados.

De 2012 a 2019, o projeto procurou fomentar a cultura audiovisual da comunidade da Tríplice Fronteira, composta pelos municípios de Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina), bem como da comunidade formada por estudantes, professores(as) e servidores(as) da Unila, promovendo sessões presenciais de filmes seguidos de debates com convidados(as) de diversas áreas, origens e nacionalidades. Geralmente, os(as) debatedores(as) de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/editora/livros/cinelatino>

<sup>2</sup> Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/issue/view/222>

---

cada sessão eram uma combinação entre discentes, docentes, técnicos(as) da universidade e a comunidade externa.

Cabe ressaltar que, a partir de 2018, as sessões mensais do projeto passaram a acontecer em uma sala do circuito comercial da cidade de Foz do Iguaçu, a um preço promocional. Tal parceria deu conta de importantes demandas de ambos os agentes: para o exibidor (Cine Cataratas), a necessidade de cumprir a chamada “cota de tela” para o cinema nacional e a possibilidade de ampliar o público já habituado a frequentar o espaço; para o *Cineclube Cinelatino*, a oportunidade de contar com as melhores condições de projeção de som e imagem, além de atuar diretamente na programação de um espaço cultural consolidado na cidade, chegando de maneira mais direta à comunidade externa à universidade.

A partir desse momento, além do habitual recorte em relação aos filmes, foi agregado à curadoria o critério de atualidade das obras. Isso é, passamos a exibir produções audiovisuais que estavam em período de lançamento e comercialização no circuito exibidor de cinema das grandes capitais brasileiras, ou que tivessem sido lançadas até dois anos antes. Desta forma, o *Cineclube Cinelatino* passou a fortalecer um dos elos mais carentes do cinema latino-americano: a distribuição. Nesse processo, foi necessário construir igualmente uma parceria com as distribuidoras cinematográficas brasileiras de perfil não-hegemônico, e cujo catálogo fosse além do padrão conhecido como “filme de arte”.

Assim, as sessões do *Cineclube Cinelatino* durante os anos de 2018 e 2019 estabeleceram um público fiel, com uma programação que colocou a nossa região no calendário das estreias e pré-estreias de importantes filmes latino-americanos, sempre com salas cheias (média de 120 e picos de 300 pessoas).

A partir de 2020, com a necessidade do distanciamento social, devido à pandemia da Covid-19, fomos à procura de outras oportunidades e possibilidades com as formas, territórios e tecnologias que nos permitissem continuar com o objetivo de democratizar a produção e exibição de filmes latino-americanos. Nessa tentativa, era ainda mais necessário trabalhar em conjunto e estrategicamente com artistas, produtores(as) e realizadores(as), além da comunidade e organizações sociais.

Assumimos, então, o desafio de nos adaptarmos às novas formas e limitações que a virtualidade, num primeiro momento, evidenciava. Nossas perguntas centrais eram: como realizar

uma sessão online? Quais estratégias adotar para chegar ao público que tínhamos? Seria possível continuar trabalhando com as distribuidoras parceiras, já que a negociação monetária entre elas e o cinema não era mais possível?

A impossibilidade de nos encontrarmos fisicamente nos espaços abriu um leque de opções para o cineclubes. Graças às distribuidoras parceiras e à alternativa do *streaming* foi possível descentralizar o acesso aos filmes, além de difundir e promover o seu consumo Brasil a fora. Fazendo uso das plataformas digitais, o *Cineclubes Cinelatinos* se consolidou nas redes como um circuito de cinema alternativo.

Após a última sessão presencial, em março de 2020, foram exibidos 12 curtas-metragens e 18 longas-metragens, de maio de 2020 a março de 2022, de forma gratuita, em plataformas online, em colaboração com distribuidoras e produtoras. Ditos filmes tiveram um total de 5.140 inscritos(as) de 23 países diferentes (Alemanha, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, El Salvador, Equador, Espanha, EUA, França, Guatemala, Haiti, Itália, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Portugal, Reino Unido, República Dominicana, Uruguai e Venezuela), através do site<sup>3</sup> do projeto, sendo 3.783 sem vínculo com a universidade e 1.357 com algum tipo de vínculo (técnico(a), professor(a) ou discente). Esse desenvolvimento veloz e alcance crescente também ficou evidente nos dados do canal do cineclubes no YouTube<sup>4</sup> que, antes da pandemia, contava com 307 visualizações, e em março de 2022, antes da volta às salas de cinema, passou para 10.209 visualizações.

Essa adaptação do formato online também tornou possível uma maior proximidade com ativistas, pesquisadores(as) e estudantes de outras regiões e países, além dos(as) realizadores(as) (diretores(as), atores/atrizes, roteiristas, montadores(as), diretores(as) de fotografia etc.) dos filmes que passaram a participar dos debates promovidos no canal do YouTube do cineclubes, o que não era possível na presencialidade. Isso ofereceu para a comunidade um espaço de encontro e formação, além de um intercâmbio como forma de conhecimento, desfrute e geração de ideias.

Assim, o formato online, que começou como uma alternativa para desenvolver as atividades nos primeiros meses de pandemia, se consolidou nos anos 2020 e 2021 como um campo de atuação do projeto, que foi além da modalidade presencial, especialmente tendo em conta o crescimento

<sup>3</sup> Disponível em: <https://cineclubecinelatino.wixsite.com/unila>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/@CineclubesCinelatinos>

---

do público e o alcance de outros países para além da Tríplice Fronteira.

Depois de exaustivos debates sobre a segurança sanitária, voltamos à presencialidade em maio de 2022. Nesse momento, além de enfrentarmos o cenário de processos desiguais nas dimensões de produção, distribuição e consumo audiovisual na região, exacerbados num primeiro momento pela pandemia<sup>5</sup>, também voltávamos a um território onde as culturas se confrontam e se mesclam: a fronteira.

Regressar a esse lugar simbolicamente cambiante, que gera ambivalências e contradições, implicou retomar a construção das pontes de resistência, isso é, do poder de nos nomear dissidentes e fronteirizos(as). Voltamos à procura de visualizar novamente cinematografias pouco convencionais ou de pequena circulação nos cinemas comerciais locais, conseguindo exibir 7 longas-metragens no último ano, além de uma sessão especial de comemoração dos 10 anos do projeto, em dezembro de 2022.

É importante destacar que essa noção de fronteira(s), de limiar(es) e de margem(ns), desde sempre nos têm permitido pensar aqueles cruzamentos que visualizamos, descobrimos e recuperamos como espaços que podem ser interpelados através de práticas, discussões, ações e territorialidades que confrontam o mercado hegemônico de exibição.

Essas experiências fronteiriças/alternativas, geradas a partir dos debates do cineclube, se veem refletidas nos artigos que compõem este dossiê, seja dentro das suas temáticas, das suas análises estéticas e/ou nas discussões de gêneros que compõem os filmes. Dessa forma, com esses textos, o *Cineclube Cinelatino* continua se expandindo no tecer de muitas mãos que percorrem os caminhos da construção de olhares audiovisuais críticos, contextualizados e localizados.

O artigo que abre o dossiê é **Formas del género en *Dios existe, su nombre es Petrunya* (Teona Strugar Mitevska, 2019)**. Nele, Ana Sílvia Fonseca e Pablo Piedras analisam os diversos paradoxos encontrados nessa obra do cinema macedônio, inserida no circuito de produção audiovisual globalizado, observando mais detalhadamente o papel ambivalente que a mulher exerce, enquanto gênero (*gender*), em uma narrativa que articula os gêneros (*genres*) do melodrama, *thriller* e *woman's film*.

---

<sup>5</sup> Os impactos provocados pela pandemia de Covid-19 no ecossistema midiático têm sido observados por diversos estudos no mundo todo, inclusive na América Latina. No caso do Brasil, vale ressaltar que além da pandemia, o setor audiovisual foi profundamente atingido pelas ações de desmonte de políticas públicas do governo Bolsonaro (2019-2022).

Na sequência, somos convidados a percorrer espaços e temporalidades de *Inferninho* (Guto Parente e Pedro Diógenes, 2018) no ensaio **Saia e veja o mundo: sobre melodrama, amor e viagens**, de Fábio Allan Mendes Ramalho. Em uma análise focada nas experiências de viagem e deslocamento das personagens pelo mundo, o texto explora os aspectos da imaginação melodramática que o filme promove, tais como a expectativa amorosa, o sentimento de clausura e os desejos de mobilidade, como forma de apreensão dos processos humanos, estéticos e políticos da modernidade.

A forma ensaística se faz presente também em **Guerreiras e Donzelas: memórias de mulheres sobre a ditadura militar-empresarial brasileira acionadas em dois relatos**, escrito por Fran Rebelatto. Colocando em diálogo o filme *Torre das Donzelas* (Susanna Lira, 2018), as memórias da ex-presa política Ana Maria Ramos Estevão em seu livro *Torre das Guerreiras e outras memórias* (2021) e o pensamento de Walter Benjamin, a autora aborda a construção da memória e o papel da arte como ferramenta de resistência em filmes do gênero ditadura militar e a literatura de testemunho.

Em **Notas de um debate: a coralidade como gênero, princípio de criação e marca de autorialidade em Sem Raiz**, Ester Marçal Fér e Patrícia Zandonade analisam os diversos aspectos do conceito de coralidade encontrados no filme *Sem Raiz* (Renan Rovida, 2017). Tanto nas noções de gênero cinematográfico, com o gênero coral; como nas práticas criativas coletivas do cinema latino-americano contemporâneo, o artigo observa as escolhas estético-políticas empregadas na narrativa que retrata trabalhadoras na cidade e no campo, visando a crítica social.

O filme *Monos* (Alejandro Landes, 2019) é o objeto de análise de Marcela Landazábal Mora em **Monstruosidades, animalidades, juventud y otros estereotipos de las violencias guerreras de Colombia en pantalla grande**. Considerando o material fílmico, o texto aborda as narrativas da violência armada na Colômbia e as estéticas surgidas em torno dos atores desse conflito no período pós-acordo de paz (ocorrido em 2016). Articulando quatro diretrizes - as alegorias míticas, os estereótipos de gênero, a infância e as poéticas das geografias da guerra, a autora busca compreender as formas como a narrativa cinematográfica trata de entender a violência para além da história oficial, como memória compartilhada.

Encerrando o conjunto de artigos que compõem o dossiê, Maria Camila Ortiz e Tereza Spyer tecem uma reflexão sobre **A construção das memórias entre ficção e documentário em**

---

**EAMI, de Paz Encina.** O artigo apresenta a obra da cineasta paraguaia, com destaque para o trabalho que realiza em torno do tema da memória no audiovisual. Ao abordar os elementos docuficcionais em *EAMI* (2022), narrativa experimental construída a partir da experiência de manutenção das memórias e perda do território do povo Ayoreo Totobiegosode, o texto abre possibilidades para pensar a linguagem cinematográfica como uma ação política de resistência e re-existência.

Por fim, além dos artigos que compõem o dossiê, o presente volume conta também com uma **entrevista com o cineasta Maurílio Martins**, integrante da produtora mineira Filmes de Plástico. A entrevista, disponibilizada em formato sonoro, foi realizada no contexto da disciplina Cinema Brasileiro Contemporâneo, ministrada pela Profa. Dra. Michelle Salles, durante o 2º semestre de 2022, no Programa de Pós-Graduação em Multimeios (IA/Unicamp). Completam o volume as resenhas **Sobre “André Carneiro nos quânticos da incerteza: o centenário”**, realizada por Carolina de Oliveira Silva acerca do livro-ensaio de Ramiro Giroldo e **El cine de terror en Argentina: producción, distribución, exhibición y mercado (2000-2010)**, elaborada por Ana Catarine Mendes da Silva sobre o livro de Carina Rodríguez.

Ester Marçal Fér

Maria Camila Ortiz

Tereza Spyer

Equipe Editorial Zanzalá